

Dados do Projeto de Pesquisa	
Título do Projeto de Pesquisa:	PRAZER E TRANSGRESSÃO EM FOUCAULT
Grande área/área segundo o CNPq (https://goo.gl/JB3tAs):	Ciências Humanas
Grupo de Pesquisa vinculado ao projeto:	Cartografias da Subjetividade
Linha de pesquisa do grupo de pesquisa vinculado ao projeto	Política, Ética e Subjetividade
Categoria do projeto:	() projeto em andamento, já cadastrado na PRPI () projeto não iniciado, mas aprovado previamente () projeto novo, ainda não avaliado
Palavras-chave:	Prazer. Transgressão. Ética. Política

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa cumpre reconhecer nos textos de Foucault em que medida e de que forma o prazer, sob o registro da sexualidade, se vincularia a uma posição ético-política de resistência e transgressão. Em que medida pensarmos nos direitos do prazer, de vivenciá-los, pode se empreender como transgressão dos limites de uma ordem econômica e política dada no controle das vidas, pode se colocar como possibilidade de recomposição de singularidades, como um enfrentamento das relações de poder que estão em todas as partes, que nos constituem, controlam e assujeitam? Questionamentos similares a estes ora elencados foram feitos a Foucault na ocasião de um debate no Departamento de História da Universidade de Berkeley (FOUCAULT, 2017, pp. 118-119), em 1983, e, na tentativa de resposta, o autor parte da premissa das pessoas se sentirem pouco à vontade para falarem de algo que sucede no âmbito dos prazeres e, em contrapartida, constata a vasta literatura que se formula sobre a questão do desejo, da repressão do desejo, do sujeito do desejo, da constituição do desejo.

Desse modo, segundo uma espécie de genealogia investigativa, Foucault tem a leitura de que houve um deslocamento empreendido em uma microfísica dos poderes, dado na passagem da primazia do prazer na condução das vidas a uma ênfase no sujeito do desejo, estabelecendo-se com isso um íntimo acoplamento da sexualidade a uma ordem de organização política. Desse modo, segundo o diagnóstico foucaultiano, a

relação entre sexualidade e política foi se estabelecendo em um movimento dado pelas formas de exercício do poder, a saber, da cofuncionalidade entre o poder disciplinar e o biopoder, engendrando a assunção do sujeito do desejo em detrimento de uma vivência dos prazeres.

Sumariamente podemos aqui apontar que o que se refere à formulação de um poder disciplinar, dirige-se a uma articulação de poder que começou a ser exercido nas instituições do continente europeu a partir do século XVII, como prisões, fábricas, escolas, hospitais etc. Um poder que foi eficiente por promover uma espécie de adestramento, no entanto, não houve diretamente uma dominação, mas sim uma introjeção de uma técnica que funcionou como uma rede de punição para docilizar o sujeito, visando o aumento de sua utilidade. Desse modo, no plano da disciplina ligada à sexualidade, as condutas “anormais” (onanismo, masturbação infantil, sexo heterodoxo etc) passaram a ser vistas, sobretudo a partir do século XIX, como a causa de muitas sequelas no indivíduo, tais como inaptidão para o trabalho, inadequação social, abrindo um campo para os saberes da medicina, da psiquiatria, dos pedagogos, dos religiosos, intervirem nos comportamentos sexuais como uma forma não apenas de domesticar o corpo e os hábitos, como também de impor uma identidade ou individualidade capaz de ser “tratada” e “controlada”.

Já sob o registro de uma biopolítica, uma nova tecnologia de poder se faz necessária, há uma transformação importante empreendida a partir do século XVIII dada pelo fenômeno da população; o homem passa a reconhecer a existência de um corpo como a propriedade de algo, abre-se espaço para um poder investido na vida como regulamentação de processos de massa dirigida para a espécie. Na lógica da biopolítica, os dispositivos de sexualidade, ligados a uma multiplicidade de saberes em um jogo de poder, nos colocam em um campo de proliferação discursiva das questões sexuais, bem como da intensificação das atenções referentes aos corpos em seu vigor, saúde, longevidade e desempenho. Segundo Foucault, um traço marcante da biopolítica em articulação com a sexualidade, é que surgiu todo um repertório dramático de discussão, de escrita e de pensamento sobre o sexo sem precedentes na história. Uma espécie de “injunção polimorfa ao discurso” surge com os dispositivos da sexualidade, como consideram Dreyfus e Rabinow, “esse discurso colocou o sexo como uma pulsão tão poderosa e tão irracional que as formas dramáticas do autoexame individual e do

controle coletivo tornaram-se um imperativo de modo a manter essas forças controladas” (DREYFUS, 2013, p. 222).

Podemos observar que se no curso *Segurança, Território e População*, proferido no começo de 1978 no Collège de France, Foucault se destinou a identificar como uma racionalidade de mercado foi expandida para os domínios da vida social, foi no curso *O Nascimento da Biopolítica*, realizado nos primeiros meses de 1979, que surgem as mais importantes observações de Foucault a respeito de forma de atuação do biopoder a partir do pós-guerra do século XX, atuando segundo o eixo flexível do mercado. Diante das tecnologias neoliberais de governo, surge a noção de *Homo aeconomicus*, isto é, surge agente econômico que não é apenas um empreendedor do mercado das trocas, mas um empreendedor de si mesmo, engendrando-se daí formas flexíveis e sutis de controle das populações, dadas na emergência de um sujeito do desejo que será assimilado pelo mercado da competitividade, da meritocracia e da exclusão das diferenças. Como comenta Vladimir Safatle, em seu livro *Circuito dos Afetos*, em acordo com esta compreensão foucaultiana de nosso tempo:

Corpos em mutação e reconfiguração contínua, mas que determinam cada uma de suas figuras sob a forma geral da propriedade, do próprio, da extensão do domínio consciente da vontade (...) Nossos corpos perderam a qualidade narrativa, eles são habitados pela violência dos fluxos contínuos codificados pela forma-mercadoria, mas eles sabem contar. Para as sociedades neoliberais, isso basta. (SAFATLE, 2015, p.195)

Assim, sob a atmosfera de ser “empresário de si mesmo”, prevalece uma “racionalidade de ações a partir da lógica de investimentos e retorno de capitais”, o que, ainda segundo Safatle, constitui uma espécie de “racionalização empresarial do desejo”, uma forma de expropriação da economia libidinal, baseado em um exaustivo trabalho de vigilância e autoavaliação constante de si a partir de critérios do cálculo racional de custos e benefícios.

Vale a pena ressaltar que concomitante aos cursos que Foucault desenvolve na década de 70 voltados para a questão da governamentalidade e da biopolítica, do investimento do poder na vida, surge sua pesquisa *História da Sexualidade*, sinalizando um vetor político de constituição das subjetividades que se liga à captura da sexualidade, isto é, o poder que nos incitaria a enunciar nossa sexualidade a partir de

instituições e saberes seria o mesmo a se articular a uma estratégia de controle de vidas dada na compreensão de uma biopolítica. Depois de oito anos da escrita do primeiro volume da *História da Sexualidade, A Vontade de Saber*, surge o segundo tomo, intitulado *Uso dos Prazeres*, em que o autor nos apresenta a partir da Grécia clássica como a atividade sexual se constituía como orientação de práticas de si, de domínio de si, configurando-se como uma estética da existência pelo seu vínculo íntimo com a liberdade e verdade.

Sendo assim, uma espécie de uso dos prazeres identificado na Antiguidade é referenciado por Foucault como contraponto ao primado do sujeito de desejo ocorrido na modernidade, este último identificado como sujeito erigido em uma austeridade sexual, dado por um conjunto de regras e normas que passaram a se apoiar em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas. Assim, no bojo de sua crítica às tecnologias de governamentalidade, da identificação da biopolítica, dos dispositivos de sexualidade, do reconhecimento da primazia do *homo aeconomicus*, da leitura dos modos de subjetivação estarem entrelaçados em uma teia de saber e poder, qual a potência identificada por Foucault em se voltar para uma época em que se colocava em questão o uso dos prazeres, como sentir os prazeres e o que fazer com os prazeres? Quais os efeitos identificados quando se passa de uma chave do prazer a outra do desejo na formulação de si?

Assim, compreendemos que o tratamento do deslocamento dado entre prazer e a primazia do desejo, a questão toda que mobilizou Foucault em suas pesquisas, na sua incursão por uma história da sexualidade, não foi fazer *ipsis litteris* uma história do comportamento sexual, mas sim sublinhar como nossa civilização, nas palavras foucaultianas, “integrou o problema do sexo na verdade, ou o modo como o problema da verdade e o problema do sexo estiveram interligados”, esclarecendo, “meu problema não é de história sexual, mas um problema de pensamento” (FOUCAULT, 2015, p.71) - o sexo enquanto pensamento na sua relação com a verdade. Ora, Foucault percebe que na medida em que se articulam sexo e verdade, também se dá como um efeito correlato a integração das técnicas de si em nosso mundo a partir do saber médico, educacional-pedagógico, psicológico, e tais técnicas foram incorporadas em estruturas de autoridade e disciplina, articuladas pela opinião pública, pelos meios de comunicação, pelas técnicas de sondagem etc.

Foucault identifica então que por volta da metade do século XVIII a sexualidade passa a se relacionar a um discurso diferenciado que se liga às práticas de poder, ou seja, há uma incitação técnica que cumpre fazer falar sobre o sexo correlata a uma ingerência administrativa ocupada do controle da vida da população, centrada “no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-lo variar” (FOUCAULT, 2010, p. 152). No entanto, se a ligação entre sexualidade e poder se estabelece nas questões da população, a partir do século XIX, haverá uma mudança marcante: a reformulação do discurso sobre a sexualidade em termos médicos, em que a partir daí houve o desencadeamento de discursos referentes ao sexo no registro de anomalias, desvios, enfermidades e processos patológicos.

É relevante grifar que Foucault faz uma diferenciação entre sexo e sexualidade. A questão do sexo ficaria resguardada a uma dimensão familiar, ligado às relações de aliança, sobretudo no decorrer do século XVIII, estabelecendo-se daí códigos sociais de conduta, permitindo ou proibindo determinadas ações no casamento, regras de procriação, transmissão de riqueza, propriedade e poder. Já com a sexualidade, há uma separação do sexo e da aliança, o tratamento da sexualidade passa a ser uma questão individual, referente aos prazeres privados e ocultos, às fantasias sexuais, aos excessos, passando a configurar a essência de uma identidade. Disso se empreende uma vontade de saber a verdade sobre a sexualidade que se impõe em nossa cultura ocidental, instigando-nos a falar a verdade em um quadro de confissões, surge uma tecnologia do eu capaz de extrair, com a ajuda de peritos, a verdade que se encontra em cada um;

Esse é um princípio fundamental, não somente nas ciências psiquiátricas e na medicina, como também na lei, na educação, no amor. A convicção de que a verdade pode ser descoberta através do exame da consciência e da confissão dos pensamentos e atos parece, agora, tão natural, tão constrangedora, realmente tão evidente, que pode parecer pouco razoável pressupor que tal exame seja um componente central em uma estratégia de poder. (DREYFUS, 2013, p. 230).

Assim quando Foucault então nos traz os direitos do prazer identificado na cultura de si dos séculos I e II, na verdade, o pensador quer sinalizar a mudança de um

modo tolerante de conceber os prazeres a um modo de vida austero, marcado por renúncias, interdições e proibições, que desemboca em esquemas de controle e produção de subjetividades. Entretanto, o pensador não quer apresentar a antiguidade greco-romana como uma idade de ouro e que tudo corria bem, longe do cristianismo e da pressão capitalista, pois reconhece por vezes que a ética sexual da antiguidade podia ser dura, difícil, então a questão não é voltar a essa ética greco-romana, pois parte de nossa ética tem origem daí, mas analisá-la no sentido de despertar uma imaginação ética, por outras formas de nos constituirmos.

Foucault assevera que

o problema é que em nossa sociedade, hoje, lembramo-nos muito bem que a nossa ética, nossa moral, esteve ligada à religião durante séculos. Esteve também ligada às leis civis e, de certa maneira à organização jurídica, e, em certa altura, adquiriu forma de uma certa estrutura jurídica. Sabemos muito bem que a ética estava ligada à ciência, ou seja, à medicina, à psicologia, e até à sociologia, psicanálise... Penso que estas três grandes referências de nossa ética estão desgastadas. E sabemos muito bem que precisamos de uma ética, e que não podemos pedir à religião, à lei, à ciência que nos deem essa ética (FOUCAULT, 2017, p.120)

Pensar uma ética que possa se vincular ao uso dos prazeres parece alcançar uma dimensão de transgressão em Foucault. É o que entendemos, em nível de hipótese de nossa pesquisa, sinalizar o autor no que se volta para a problematização dos eixos de luta político-sociais relacionados às questões da sexualidade, principalmente na entrevista concedida a Jean Le Bitoux, em julho de 1978, intitulada “o saber gay”. Nesta ocasião, o pensador endossa que a noção de homossexualidade, configurada no século XIX, por exemplo, surgiria como um preciso modo de caracterização de um comportamento sexual ligado a um desejo configurado sob um psicologismo ou biologismo da sexualidade e engessado em uma ordem de discurso proferida por médicos, psicólogos e instâncias da normalização. Daí sua advertência aos movimentos sociais ligados à causa gay, reconhecendo que talvez preciso

dar uma espécie de salto para trás, o que não quer dizer recuo, mas retomada da situação em escala mais ampla. E se perguntar, então: mas, no fundo, o que é essa noção de sexualidade? Porque, se ela nos permitiu lutar, também carrega consigo certo número de perigos. Não seria necessário, então, fazer valer, contra essa noção médico-

biológico-naturalista da sexualidade, uma outra coisa? Os direitos do prazer, por exemplo? (FOUCAULT, 2015, p. 10)

Por prazer, ainda nesta entrevista, Foucault entende uma palavra

que no limite não quer dizer nada, que está ainda suficientemente vazia de conteúdo e virgem de utilização possível, não tomando por prazer, afinal, senão um acontecimento, um acontecimento que se produz, e que se produz fora do sujeito, ou no limite do sujeito, ou entre dois sujeitos, nessa coisa qualquer que não é nem do corpo nem da alma, nem exterior nem interior, quem sabe teríamos, ao procurar refletir sobre essa noção de prazer, um meio de evitar toda a armadura psicológica e médica (FOUCAULT, 2015, p. 20)

Compreender o prazer como vazio de conteúdo e uma abertura para novas formas éticas de relação, significa saltar sobre uma noção já constituída de sexualidade, de formas de vida previamente reguladas. A luta neste sentido, em um contexto ético-político, implica um posicionamento de vida dadas numa microfísica das relações entre um e outro, atitudes recalcitrantes, móveis, redesenhando formas inauditas de singularidades, perfurando toda uma armadura de uma ordem de discurso médico e psicológico, da captura do sujeito em codificações da sexualidade.

A proposta desta pesquisa assim é investigar de que forma a dimensão do prazer parece também destacar a constituição de corpos transgressores em uma dimensão ética, falar de sujeitos que optam por uma espécie de ruptura com uma ordem do discurso e isso também implica voltar-se para o real, para um plano da realidade não capturável e sempre por se constituir. A transgressão neste sentido implica, como afirma Foucault em seu texto sobre o autor Georges Bataille, levar “o limite até o limite de seu ser; ela o conduz a atentar para sua desapareição iminente, a se reencontrar naquilo que ela exclui (mais exatamente talvez a se reconhecer aí pela primeira vez) a sentir sua verdade positiva no movimento de sua perda.” (FOUCAULT, 2009, pp.32-33)

O movimento da transgressão promoveria assim um jogo instável, jogo entre o possível e o impossível. Não se trata de um jogo frívolo, pois evoca o imprevisto, a possibilidade de sair do cálculo utilitarista entre o trabalho rígido que aliena e o lazer concedido pela lógica normativa.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Investigar nos textos de Foucault em que medida e de que forma o prazer, sob o registro da sexualidade, se vincularia a uma posição política de resistência e transgressão. Em que medida pensarmos nos direitos do prazer, de vivenciá-los, pode se empreender como transgressão dos limites de uma ordem econômica e política dada no controle das vidas.

Objetivos Específicos:

- Articular a partir da *História da Sexualidade* em Foucault o deslocamento entre as práticas de si pautadas no prazer e a primazia do sujeito do desejo;
- Compreender os movimentos históricos em que se empreende a sexualidade moderna;
- Apreender a relação entre biopolítica e sexualidade;
- Abordar a influência de Bataille a partir da noção de transgressão na obra de Foucault;
- Investigar a relação entre linguagem, limite e transgressão
- Investigar a intersecção prazer e ética nos escritos de Foucault
- Pesquisar as possibilidades de resistência política a partir da chave da sexualidade nas formulações de Foucault

3. METODOLOGIA

Dois encontros de pesquisa semanais em que se dividirá:

1. na investigação do pensamento de Foucault, da *História da Sexualidade* (volumes II *O uso dos Prazeres* e III. *O cuidado de si*), da entrevista concedida a Jean Le Bitoux, em julho de 1978, intitulada “o saber gay”, e às práticas de si tratadas nos debates realizados na Universidade da Califórnia, em 1983, e literatura secundária de comentadores
2. Estudo dos textos *O Erotismo* e *A noção de dispêndio* de George Bataille, buscando sempre a compreensão da noção de transgressão em sua ligação a um contexto ético-político.

Serão realizados fichamentos do material teórico e formulado textos preliminares até a construção de 2 artigos sobre a temática para a publicação em revistas voltadas para as

questões de gênero, sexualidade e política, bem como a organização de um evento do grupo de pesquisa Cartografias da Subjetividade para a divulgação da pesquisa.

4. PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS, TECNOLÓGICAS OU DE INOVAÇÃO DO PROJETO

As principais contribuições desta pesquisa se apresentam na confluência de dois campos de investigação, a saber, da constituição da sexualidade e do contexto ético-político partindo-se do arcabouço teórico-filosófico extraído do pensamento de Foucault no âmbito do exame das relações de poder e dos dispositivos de sexualidade. Com esta pesquisa pretende-se portanto trazer contribuições para o enfrentamento das questões de gênero e de resistência política, no que consiste a desvelar as construções históricas de sexualidade e de gênero, levando a uma consequente desnaturalização para superar a identidade generificada pelo desejo. Noutros termos, sexualidade e gênero são construções e podem ser re-formulados e re-encenados dos mais diversos modos.

Desta maneira, esta pesquisa a partir do pensamento de Michel Foucault e parece ser promissora não somente para os estudos feministas ou de gênero, mas para a promoção de políticas de inclusão, de afirmação de minorias, e projetos de educação sexual nas escolas. Ao denunciar os modos de assujeitamentos dados ao longo da história e a captura dos sujeitos pelas estruturas de poder e linguagem, Foucault parece revelar o quanto estamos entranhados em uma teia perversa que nos encarcera e limita nas criações de novos modos de subjetividade.

5. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO PROJETO

BOLSISTA 1	
MODALIDADE: PIBIC	
OBJETIVOS: Estudo e escrita de artigos a partir do referencial teórico de Michel Foucault e divulgação da pesquisa	
MÊS	ATIVIDADE
1	Fichamento da História da Sexualidade II / encontro de estudos semanais
2	Fichamento da História da Sexualidade II - O uso dos Prazeres/ encontro de estudos semanais
3	Fichamento da História da Sexualidade II e início do fichamento da História da Sexualidade III – Cuidado de Si/ encontro de estudos semanais/
4	Fichamento da História da Sexualidade III
5	Fichamento da História da Sexualidade III
6	Revisão e articulação dos fichamentos realizados
7	Estudo da entrevista O Saber Gay
8	Estudo das Conferências na Universidade da Califórnia, em 1983.
9	Esboço de artigo sobre A relação entre Sexualidade e Política
10	<i>Escrita do artigo para publicação</i>
11	Escrita do artigo e revisão/ organização de um colóquio para a divulgação da pesquisa
12	Organização de um evento para a divulgação da pesquisa e finalização da pesquisa

BOLSISTA 2	
MODALIDADE: PIBIC	
OBJETIVOS:	
Estudo e escrita de artigos a partir do referencial teórico de George Bataille	
MÊS	ATIVIDADE
1	Fichamento do livro <i>O erotismo</i> / encontro de estudos semanais
2	Fichamento do livro <i>O erotismo</i> / encontro de estudos semanais
3	Fichamento do livro <i>O erotismo</i> / encontro de estudos semanais
4	Fichamento do livro / encontro de estudos semanais
5	Fichamento do texto <i>A noção de Dispêndio</i> / encontro de estudos semanais
6	Fichamento do livro <i>A noção de dispêndio</i> / encontro de estudos semanais
7	Esboço de artigo sobre <i>A relação entre Sexualidade e Política</i>
8	<i>Escrita do artigo para publicação</i>
9	Escrita do artigo e revisão
10	<i>Término da escrita do artigo</i>
11	Organização de um evento para a divulgação da pesquisa e finalização da pesquisa
12	Organização de um evento para a divulgação da pesquisa e finalização da pesquisa

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **A parte maldita; precedida pela A noção de dispêndio**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013

_____. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CASTRO, Edgardo. **Introdução à Foucault**. Tradução Beatriz de Almeida Magalhães. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2015.

DREYFUS, H. L; HABINOW, P. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da Hemenêutica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010

_____. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres.** Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **História da Sexualidade III: Cuidado de Si.** Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

_____. **O que é Crítica? Seguido de A Cultura de Si.** Lisboa: Edições Textos&Grafia, 2017.

_____. **O saber gay.** Tradução de Eder Amaral e Silva e Heliana de Barros Conde Rodrigues. Revista Ecopolítica, n. 11, jan-abr, pp. 2-27

_____. **Microfísica do Poder.** Organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

RODRIGUES, Carla. A política do desejo. **Revista Cult**, São Paulo, Ano 19, Edição Especial n. 6, Janeiro. 2016.

SAFATLE, V. **O circuito dos Afetos.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.